

Na dívida externa, os investimentos

SÃO PAULO — Converter alguns pontos da dívida externa em investimento pode ser viável, acredita Carlos Garatea-Yori, Secretário Geral da Alide — Associação Latino-Americana de Instituições Financeiras de Desenvolvimento. Ele coordenou a última mesa redonda do II Encontro de Bancos de Desenvolvimento do Brasil e da Argentina, sobre a possibilidade de intercâmbio tecnológico entre os dois países.

Este II Encontro aprofunda o primeiro, realizado em junho de 87 na Argentina, tornando mais próxima a concretização do acordo firmado pelos Presidentes José Sarney e Raúl Alfonsín em 86. A definição do fundo de investimento binacional será decisivo para complementar os esforços de integração.

Os bancos de desenvolvimento terão o papel de cuidar da engenharia de projetos, devendo adotar uma nova estratégia operacional:

— Nesse campo é preciso desenvolver um esquema de informação sobre as possibilidades de estudos, tecnologias aplicáveis, investimentos e proteção dos investidores — disse Garatea. — A

utilização de pequenas e médias empresas no esforço de impulsivar seu desenvolvimento e a cooperação binacional teria vantagens em muitos setores específicos, que não exigam grande produção.

A experiência da Alide com os bancos de desenvolvimento de diversos países da América Latina foi colocada à disposição do Encontro, no tocante ao seu serviço de informações financeiras e tecnológicas. A troca dessa tecnologia pode facilitar a ação desses bancos nos projetos conjuntos ou diretos que estejam financiando.

No aspecto da conversão da dívida externa, Garatea acredita que alguns pontos poderiam ser "comprados" por empresários nacionais ou binacionais, pelo seu valor no mercado internacional, e convertendo-se em investimento interno por seu valor nominal. Isso será possível com a adoção das novas estratégias que, através do intercâmbio, permitirão também um aumento da produtividade, aproveitamento de economias de escala, criação de novos empregos e prevenção do desabastecimento, com utilização das matérias-primas existentes.

Com um maior grau de troca

de experiências, os avanços do Brasil e Argentina nas diferentes áreas de pesquisa tecnológica se complementarão. Os bancos poderão identificar a importância de cada projeto para o acordo bilateral, com a ajuda dos órgãos já existentes, como o Instituto de Pesquisas Tecnológicas, em São Paulo. Com o financiamento, a aplicação prática de cada projeto terá uma resposta mais rápida e positiva, contribuindo para o desenvolvimento dos dois países.

Em seu discurso na abertura do II Encontro, Garatea propôs que fosse adotada uma moeda bilateral, o "gaúcho", para incrementar os negócios entre Brasil e Argentina. Essa nova unidade de valor já teria um consenso entre os países latino-americanos e poderia regular o comércio bilateral, estendendo-se futuramente para toda a América Latina. Um mecanismo de "desdolarização" poderia tornar as operações mais independentes de linhas externas. Para respaldá-la, a nova moeda teria um fundo de reserva criado pelos bancos centrais argentino e brasileiro, que abririam contas gráficas para registrar seu movimento.